CRISTIANISMO E CORRUPÇÃO PAULINA SEGUNDO A INTERPRETAÇÃO DE FRIEDRICH NIETZSCHE[1]

Rodrigo da SILVA[2]

Deus, qualem Paulus creativ,dei negatio
(NIETZSCHE)

RESUMO

O trabalho que ora se apresenta tem como principal objetivo analisar o que há de elementos helênicos no Cristianismo, segundo a interpretação do filósofo alemão Friedrich NIETZSCHE. A idéia socrático-platônica de um mundo sensível e outro supra-sensível é uma forma de usurpar e "diminuir" tudo que é real. A crítica que NIETZSCHE faz ao ideal socrático-platônico é ao mesmo tempo uma crítica ao cristianismo, pois este concebe o mundo como sendo o "mundo da dor" em oposição ao mundo da felicidade, o paraíso eterno. No entanto, o Cristianismo tal qual nós o conhecemos, foi deturpado e não tem vinculo com Cristo; o responsável por essa deturpação é o apóstolo Paulo, ou seja, ele fez a união entre a tradição judaica com a tradição helênica e disso "surgiu" um cristianismo helenizado. E, somente uma vida tal qual Cristo viveu é realmente cristã, pois não possui nenhuma influência helênica.

Palavras-chave: Nietzsche; Cristianismo; Paulo; Platonismo.

Fazemos neste trabalho a análise de alguns dos principais conceitos nietzschianos e de sua filosofia de modo que possamos relacioná-las com o problema acerca do cristianismo. Um primeiro ponto que iremos abordar diz respeito aos conceitos de sentido e valor. Através do estudo feito por Nietzsche sobre os valores percebemos que ele não se limitou a avaliar os valores pré-existentes, mas seu plano maior foi o de avaliar o valor dos valores. Dando ênfase ao local de sua origem. "[...] o alto e o baixo, o nobre e o vil, não são valores, mas, representam o elemento diferencial do qual deriva o valor dos próprios valores". (DELEUZE, 1976, p. 1) O filósofo, portanto, deve ser crítico e criador.

---

[1] Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado no XIV Congresso de Iniciação Cientifica, Campus de Presidente Prudente - 2002

[2] Discente do 4º ano de filosofia, Orientado pelo Prof. Dr. José Carlos Bruni. Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – 17525 – 900, Marília, São Paulo – Brasil.

> A partir da ótica de doente, olhar para os conceitos e valores 'mais sadios' e, inversamente, da plenitude e certeza da vida rica, olhar para baixo e ver o secreto trabalho do instinto de decadente [...] Está é agora a minha mão –tenho mão para isso –transtrocar perspectivas: primeira razão pela qual para mim somente, talvez, é possível em geral uma 'transmutação de todos os valores (NIETZSCHE, 1999, p. 418).

Para podermos entender o sentido de alguma coisa é-se necessário saber qual é a força que dela se apodera. Desta forma o verdadeiro sentido das coisas esta relacionado intimamente com a força que dela se apropria, que dela '[...] a explora, que dela se apodera ou nela se exprime". (DELEUZE, 1976, p.3) O sentido das coisas, dos fenômenos, depende da força que dela se apropria. Os fenômenos são meramente signos e é a força que traduz seu significado. A força é quem da sentido ou, até mesmo, muda o sentido de algo.

> Mas todos os fins, todas as utilidades, são apenas 'sinais' de que uma vontade de potência se tornou senhora de algo menos poderoso e, a partir de si, imprimiu-lhe o sentido de uma função; e a história inteira de uma série de signos de sempre novas interpretações e ajustamentos, cujas causas mesmas não precisam estar em conexão entre si, mas, antes, em certas circunstâncias, se seguem e se revezam de um modo meramente contingente (NIETZSCHE, 1998, p.66).

O sentido é algo complexo cabendo a filosofia a arte de interpretar. Mas, não obstante, a interpretação também se apresenta como uma complexidade. A complexidade da interpretação apresenta-se '[...] quando pensamos que uma nova força só pode aparecer e se apropriar de um objeto usando, no início, a máscara das forças precedentes que já o ocupavam". (DELEUZE, 1976, p. 4) A interpretação adquire, portanto, papel fundamental na filosofia nietzschiana. Cabe a ela a arte de '[...] romper às mascaras, e de descobrir quem se mascara e porque, e com que sentido se conserva uma máscara remodelando-a". (DELEUZE, 1976, p. 4).

A genealogia tem dois aspectos: um como arte de interpretar e o outro como arte de avaliar. O objeto que as forças se apropriam não é algo inerte, ela também é expressão de uma força. Há uma certa afinidade entre o objeto e a força que dela se apodera.Temos, com isso, uma relação essencial de uma força (objeto) com outra força (que a apodera). E, "o ser da força da força é o plural; seria rigorosamente absurdo pensar a força no singular. Uma força é dominação, mas é também o objeto sobre o qual uma dominação se exerce". (DELEUZE, 1976, p.5) Portanto, podemos dizer que em

NIETZSCHE a força é a relação de uma força com outra e, essa relação é o que se denomina uma vontade. A vontade, contudo, exerce-se sobre outra vontade

> [...] e não sobre 'matéria' (sobre 'nervos', por exemplo –): em suma, é preciso arriscar a hipótese de que em toda parte onde se reconhece 'efeitos', vontade atua sobre vontade –e de que todo acontecer mecânico, na medida em que nele age uma força, é justamente força de vontade, efeito de vontade (NIETZSCHE, 1992, p.43).

Outro aspecto de suma importância na filosofia nietzschiana que trataremos aqui diz respeito a moral. Nietzsche concebe dois tipos de moral: A moral dos nobres e a moral dos escravos. Resumidamente podemos dizer que a moral dos nobres é aquela que provém da vontade de poder, vontade de dominar. E a moral dos escravos é aquela que provém da fraqueza, do ressentimento e da inveja. O forte, nesse sentido, é aquele que atribui a si mesmo o valor "bom". E "ruim", para eles, é somente uma pálida imagem contraste. Da perspectiva dos fracos, contudo, bom é quem não oferece perigo, e mau é quem o amedronta, lhe oferece perigo.

> O escravo, o ressentido, o fraco, concebe primeiro a idéia de 'mau', com que designa os nobres, os corajosos, os mais fortes do que ele. –E então, a partir dessa, chega, como antítese, à concepção de 'bom' que se atribui a si mesmo". O forte, por sua vez, concebe espontaneamente o principio 'bom' a partir de si mesmo e só depois cria a idéia de 'ruim' com o uma pálida imagem-contraste.O fraco só consegue afirma-se negando aquele a quem não se pode igualar. Negação e oposição: essa é a lógica do ressentido. (MARTON, 1993, p. 53).

Pautando-se no que foi dito, temos em primeiro lugar que o valor "bom" da moral dos fortes e dos fracos são diferentes. O valor "bom" dos nobres surge de um movimento de auto-afirmação, enquanto que no outro surge de negação e oposição: "bom" e "ruim" são pontos de apreciação nobre. E, "bom" e "mau", foram produzidos a partir da perspectiva avaliadora dos escravos. Em segundo lugar, o valor "bom" de uma moral corresponde ao valor "mau" da outra. Os fortes dizem: "nós nobres, nós belos, nós felizes, os fracos dizem: Se eles são maus, então nós somos bons" (MARTON, 1993, p.54). Por fim, a moral dos escravos surge como reação, por meio de uma inversão dos valores cunhado pelos nobres. A respeito disso, diz Nietzsche: "É a plebe que triunfa na dialética [...]. A dialética só pode servir como arma de defesa" (NIETZSCHE, 1998, p.70). A

avaliação nobre, por outro lado, destaca o sentimento de plenitude e excesso da própria força. O nobre descarta aprovação e qualquer tipo de comparação, pois é ele o criador de valores. A valoração, primeiramente, é referente aos homens e, muito depois, aos atos. O ressentido, por sua vez, inverte a ordem: primeiro avalia as ações e depois julga o homem.

Conseqüentemente inicia um processo de moralização cada vez maior ao ligar o homem ao ato. Para o forte só há um modo de agir: extrapolar as próprias forças. Assim sendo, ao julgar os atos de um homem pelos seus atos é querer podar o agir, podar a sua força. A força, contudo, não conhece moral, não é moralista, ela é apenas um efetivar-se.

O objetivo do homem do ressentimento é o de introduzir no forte a idéia de culpa. Para tal feito, o fraco separa à

> Força de suas manifestações, estabelece entre elas uma relação causal: o homem forte seria causa dos próprios atos e estes, efeitos de sua atividade. Projetando a força num substrato neutro, confere-lhe a possibilidade de manifestar-se ou não: o homem forte teria a escolha de não extravasar a sua força. Incapaz de admirar o forte, o ressentido imputa-lhe justamente o erro de ser forte (MARTON, 1993, p. 55).

O ressentido quer ainda transformar a própria fraqueza em virtude. Para tanto, cria a idéia de um outro mundo. Encara a partir disso, essa vida como falsa e provisória, nega à vida em nome de valores pretensamente superiores. O "verdadeiro", o "belo" e o "bem", seriam tais valores de criação socrática . Sócrates foi, segundo Nietzsche,o gênio da decadência foi ele quem primeiro fez a oposição entre a idéia e a vida: Enquanto que em todos os homens o instinto é uma força afirmativa e criadora e a consciência uma força crítica e negativa, em Sócrates, o instinto torna-se crítico e a consciência criadora" (NIETZSCHE,1992). A virtude em Sócrates era totalmente submissa à razão. O bem ideal socrático pertence ao mundo supra-sensível, portanto inacessível ao conhecimento dos sentidos. Esse revelaria somente o aparente e o irreal.

CRISTIANISMO E CORRUPÇÃO: PRIMEIRA ETAPA DO RESSENTIMENTO

O cristianismo é, por excelência, a religião dos fracos. A tarefa nietzschiana de combater a metafísica socrática também é uma luta contra o cristianismo, pois esse concebe o mundo como sendo o mundo da dor em oposição ao mundo da felicidade. Em outras palavras é um "platonismo para o povo" (NIETZSCHE, 1992, p. 8) Sua fórmula:

"Tu és mau portanto eu sou bom", constitui um ódio à vida, ódio contra tudo o que é ativo e afirmativo, é a maneira de se opor aos fortes. Esse silogismo traz ao forte a possibilidade de não proceder como mal. Pretende que o forte se impeça de agir. Desta forma, cria-se

> A ficção de uma força separada do que ela pode. [...] O processo de acusação no ressentido cumpre essa tarefa: as forças reativas projetam uma imagem abstrata e neutralizada da força separada; tal força separada de seus efeitos será culpada por agir (DELEUZE, 1976, p. 102).

Essa ficção, no entanto, possui três momentos: no primeiro a força não esta separada de sua manifestação um efeito que é relacionado com a força como a uma causa distinta e separada. No outro a força é projetada em um sujeito que pode optar em manifestar ou não. Por último a força é moralizada.

O SACERDOTE JUDÁICO E O RESSENTIMENTO

Para que as forças reativas se apresentem como superiores elas necessitam da ficção. E nela e por ela "[...] que as forças reativas se apresentam como superiores [...]". Ela cria a ficção de um mundo supra-sensível em oposição com esse mundo, ficção de um Deus em contradição com a vida"(DELEUZE, 1976, p.104). Contudo, toda ficção necessita de um agente criador, um artista. Alguém que de forma ao ressentimento, que acuse e inverta os valores: o sacerdote sob sua forma judaica. É ele quem diz:

> Se os miseráveis são bons; só os pobres, os impotentes, os pequenos são bons. [...] Só a eles caberá a beatitude. Por outro lado, vocês outros, vocês que são nobres e poderosos vocês são, para toda a eternidade, os maus os cruéis, os ávidos, os insaciáveis, os ímpios e, eternamente, permanecerão também os reprovados, os malditos, os condenados (NIETZSCHE, 1998, p. 26).

DO RESSENTIMENTO À MÁ CONSCIÊNCIA

O que acontece quando a força ativa é privada de suas condições materiais de exercício e separa formalmente do que ela pode? A essa pergunta Nietzsche diria que ala

seria introjetada. "Todos os instintos que não se descarrega para fora *se voltam para dentro* -isto é o que eu chamo de *interiorização do homem*: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua ' alma' ".(NIETZSCHE, 1998, p.73) Desta forma a antiga força ativa torna-se reativa, o antigo senhor torna escravo, pois se voltando para dentro, voltando-se contra si ela produz dor. A má consciência é a maquina que multiplica à sua dor. "Multiplicação da dor pela interiorização da força, pela introjeção da força, esta é a primeira definição da má consciência" (DELEUZE, 1976, p.107). O problema da dor deve ser entendido de dois modos: O primeiro é o topológico, estado bruto ou material; o segundo é o tipológico, a má consciência como sentimento de culpabilidade (DELEUZE,1976, p.107).

O sentido da dor esta na existência, seu sentido ativo aparece, então, como um sentido externo. "Sabem que a dor só tem um sentido: dar prazer a alguém, dar prazer alguém que a infringe ou que a contempla" (DELEUZE, 1976, p.108). Portanto, o sofrimento na má consciência é interiorizado, isto é, adquire um sentido interno. De exterior torna-se interior.

MÁ CONSCIÊNCIA EO SACERDOTE CRISTÃO

É o sacerdote cristão (Paulo) quem empreende a interiorização da dor, que conduz a má consciência à sua forma superior: a própria dor. A dor assume agora a conseqüência de um pecado. Analisemos, pois seu procedimento: O homem do ressentimento procura a causa de seu sofrimento; ele acusa tudo o que é ativo na vida. Posteriormente ele muda a direção: "é **em si mesmo**, agora, que o homem reativo deve encontrar a causa de seu sofrimento. ‘[...] A palavra **falta** remete agora à falta que cometi, a minha própria falta, à minha culpa".(DELEUZE, 1976,p.109).

O IDEAL ASCÉTICO

Segundo Nietzsche (1998) a religião não esta essencialmente ligada ao ressentimento e a má consciência. Para ele há deuses ativos e afirmativos. Contudo, há

para a religião uma pluralidade de sentidos, que dão brechas a diversas forças que dela pode se apoderar. Isto é

> A religião tem tantos sentidos quanto às forças capazes de se apoderarem dela. Mas a própria religião é uma força em afinidade maior ou menor com as forças que dela se apoderam ou das quais ela própria se apodera (DELEUZE, 1976, p.119).

O ideal ascético é o que faz as forças reativas triunfarem. As forças reativas são representadas em seu estado formal pelo ressentimento e a má consciência e estas são conquistadas pela a religião que, a partir disto, pode sozinha, separada exercer sua soberania. "Ressentimento e má consciência são os graus superiores da religião como tal.O inventor do cristianismo não é cristo mas São Paulo, o homem da má consciência, o homem do ressentimento" (DELEUZE,1976, p.120) O ideal ascético estava presente desde o início,é ele quem designa o complexo do ressentimento e da má consciência, relaciona um com o outro, fortalece um pelo o outro. Organiza e distribui a doença e sofrimento do ressentimento e da má consciência. "O ideal ascético exprime uma vontade"(NIETZSCHE,1998, p.135). É ele que deprecia a vida em nome de uma ficção, num além mundo, transformando a vida, o mundo, em aparência. Com isso o ideal ascético cria uma afinidade entre as forças reativas e o niilismo.

O NIILISMO

O niilismo se apresenta sob dois sentidos. O primeiro sentido é o niilismo negativo, isto é, o momento da consciência judaica cristã. Ao passo que a vida é depreciada, ela assume, portanto, um valor de nada. Quando se cria a ficção de um além, a vida é negada aos valores superiores. "Quando não se coloca o centro da gravidade da vida na vida, e sim no além, no **nada**, tirou-se da vida o seu centro e gravidade"(NIETZSCHE, 2002, p.78). No entanto, os valores superiores não implicam que o querer deixa de exercer-se, ao contrário, eles se relacionam: torna-se vontade de negar.

O segundo sentido é o niilismo reativo. Ele reage contra esse mundo do além, não mais o aceita. Recusa a desvalorização da vida em nome de tais valores superiores.

"Assim, o niilista nega Deus, o bem e até mesmo o verdadeiro, nada é bem. Deus está morto" (DELEUZE,1976, p.124).

REFERÊNCIA

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia.* Tradução: Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Ed. Rio de Janeiro, 1976.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche:* a transvaloração de todos os valores. São Paulo: Moderna, 1993.

NIETZSCHE, F. W. *Além do Bem e do Mal: p*relúdio a uma filosofia do futuro. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992a.

NIETZSCHE, F. W. *O Anticristo.* Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da Moral: uma polêmica.* Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

NIETZSCHE, F. W. *O Nascimento da tragédia.* Tradução: Jacob Guinsbur. São Paulo: Companhia das letras, 1992b.

NIETZSCHE, F. W. *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gerard Lebrun e tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores).

ARTIGO RECEBIDO EM 2003.